

"O ESTUDO DAS FONTES PRIMÁRIAS NAS LITERATURAS MODERNAS"

Maria Eugenia Boaventura (UNICAMP)

As histórias literárias internacionais confirmam que importantes movimentos de renovação estética foram anunciados e consolidados graças à ação decisiva dos periódicos. Pequenas revistas criaram espaço próprio para as discussões do programa e do ideário das mais diferentes tendências artísticas. Acolheram uma literatura nova e desconhecida, idealizada geralmente por escritores jovens. Neste século tem-se o exemplo da vanguarda histórica européia, que agitou o panorama das artes e da literatura mundial, a partir da ação barulhenta e subversiva das inúmeras e quase sempre efêmeras revistas. Publicações de história recente, mas que se tornaram referência obrigatória para o conhecimento dessa época fervilhante de inovações; transformaram-se em raridades bibliográficas, acessíveis ao grande público apenas depois das edições facsimiladas.

No Brasil e em Portugal a história literária fluiu pelos mesmos canais. Remontando ao século XIX, Gonçalves de Magalhães (juntamente com outros estudantes brasileiros em Paris) trouxe na sua bagagem de volta ao Brasil uma das principais publicações fundadoras dos propósitos libertadores românticos, que contribuiria sobremaneira para dar identidade própria, ainda que precária, à nossa literatura: Niterói, Revista Brasiliense. O Modernismo brasileiro também sobreviveu e se difundiu sob o impulso das inúmeras revistas que, como a Klaxon, Estética, Revista de Antropofagia, duraram meses. Apesar do pouco tempo de atuação, esses periódicos traçaram roteiros de mudança radical e introduziram novos valores. Geralmente custeados pelos próprios colaboradores, ao contrário das editoras comerciais, assumiram o risco de publicar textos completamente novos e de estreantes. Daí a importância indiscutível da exumação desses periódicos para a compreensão exata do desenvolvimento da história literária.

O livro de Clara Rocha tem o mérito de repor em cena velhas revistas e jornais literários esquecidos, que ditaram moda na sua época em Portugal. A autora não impõe limites ao seu material de pesquisa: pretendeu estudar os periódicos portugueses do século XX. Um trabalho realmente árduo e de verdadeira garimpagem, resultando no levantamento de mais de duas centenas de títulos representativos de diversos movimentos: do decadentismo até a fase do experimentalismo e da contracultura. Louvável iniciativa esta de recuperar o verdadeiro papel de manifestações influentes no panorama literário português, como Renascença (1914), Orpheu (1915), Presença (1927),

Cadernos de Poesia (1939), Novo Cancioneiro (1941), Unicórnio (1951) e muitas outras. Clara Rocha na sua análise enfatizou a importância do estudo desses periódicos, na investigação da origem e amadurecimento do processo criativo de cada escritor em particular; e na função de porta-vozes de gerações e espaço de afirmação de movimentos.

A pesquisa compreendeu duas etapas distintas. Numa fase inicial privilegiou um tratamento sócio-literário, na medida em que examinou o material estudado, enquanto espaço de afirmação coletiva, observando as condições de produção e percepção, numa abordagem de poucas novidades. A leitura intertextual desse imenso leque de publicações ficou para a etapa seguinte. E nesta tarefa a pesquisadora alcançou melhores resultados. Deu ênfase especial à análise do processo da interação dinâmica entre as variadas correntes estético-literárias, entendidas como uma tentativa de "fomentar e salvar" a cultura portuguesa. Em algumas passagens, a análise dos periódicos e das tendências literárias, que se ramificaram em Portugal neste século, se mostrou indiferente ao contexto ocidental marcado pelas instigantes trocas de informações, sobretudo se se levar em conta a marca da época: a dinamização dos meios de comunicação. Tem-se a impressão de um Portugal literário completamente ilhado. Talvez esta postura analítica tenha sido uma opção contingencial, em razão da amplitude do campo da pesquisa. O leitor, perdido e cansado no emaranhado de títulos e nomes aglutinados nas 700 páginas, encontra neste livro muito mais pistas e sugestões para futuros trabalhos de pesquisa do que uma análise original sobre a moderna literatura portuguesa. Nem poderia ser de outro modo tendo em vista a heterogeneidade do material abordado. O utilíssimo fichário com detalhes técnicos de todos os periódicos levantados, pelo porte da pesquisa, mereceria ser seguido de um índice remissivo de autores/colaboradores com o objetivo de facilitar a consulta. Às vezes o trabalho de Clara Rocha desvia o percurso do resenhista, levando-o a comparações com pesquisas congêneres. E nesse aspecto é interessante lembrar o projeto brasileiro, iniciado na década de 60, sob a orientação de José Aderaldo Castello, na USP, de levantamento e estudo dos periódicos literários com o objetivo de empreender uma revisão da história literária nacional. Uma série de publicações frutificaram, dando conta da análise sistemática de cada revista, como expressão de grupo e tendências, do Romantismo até os dias de hoje. Essas monografias resolveram o problema de metodologia no tratamento dessas fontes e textos diversificados, privilegiando apenas um ou dois grupos afins. Com esta limitação do campo operacional, as pesquisas lucraram em objetividade e aprofundamento das questões pertinentes a cada grupo. Da soma destes trabalhos individuais tem-se atualmente um panorama completo e ao mesmo tempo minucioso. Um retrato em grande dimensão de momentos marcantes da literatura brasileira, evidenciando o incessante diálogo com o mundo artístico europeu e latino-americano.

Apesar das restrições que se possa fazer ao trabalho de Clara Rocha, quem planejar estudar a história da literatura portuguesa moderna, forçosamente, terá no seu livro Revistas Literárias do século XX em Portugal a fonte básica de consulta, com a generosidade de informações importantes que o caracteriza, sobre esta larga faixa da literatura portuguesa.